



Arthur BigHead

(pesquisador, músico, produtor cultural)

- Bacharel e professor em Filosofia -

Banda de Frevo

(um modelo para pensar)

14.VI

RESPOSTA

ANALISANDO –
DANO NA COMUNICAÇÃO DAS RAÍZES CULTURAIS

Recife
2023

Incentivo:



Secretaria
de Cultura



GOVERNO DE
PERNAMBUCO
ESTADO DE MUDANÇA

VI. Analisando - Dano na comunicação das raízes culturais

Usando aspectos de modelos impostos de realidade temos:

- Em **1300**, Renascentismo, surgiu na Europa, no início da Idade Moderna;
- Em **1415**, Grandes Navegações Refletindo avanços científicos;
- Em **1685**, surge o Iluminismo, corrigir desigualdades;
- Em **1760**, Revolução Industrial, reflexo científico;
- Em **1789**, Revolução Francesa, origem da nova organização socioeconômica;
- Em **1859**, surge Humanismo, valorização das capacidades humanas.

No Recife, sem a devida preparação a Modernidade trouxe para a cultura o enfraquecimento estrutural, descaracterização e desmonte de muitas de suas expressões culturais mais populares. Às classes dominantes destruíram o habitat natural do Folklore, trouxeram mais europeus, dificultaram a continuidade ou surgimento de tradições culturais ligadas a expressões africanistas e ameríndias.

A comunicação cultural estabelecida pelo povo na rua, foi apagada lentamente. Um exemplo foram os vários projetos de restauro do Mercado de São José. Havia, em seu entorno, vida cultural vibrante. Cantadores, repentistas, vendedores os mais exóticos e seus slogans originais. Cores, cheiros e basicamente vida tropical em ebulição cultural, acabaram. Hoje não há vida cultural no entorno do Mercado de São José.

Para Liedo Maranhão (**1925 - 2014**) pesquisador renomado, que nasceu no bairro de São José, foi estudioso da vida do Mercado e cita algo fantástico sobre preservação: *Restauro no Brasil é sinônimo de destruição da vida cultural e distanciamento do povo*. Liedo viu a lógica do progresso levando a baixo cerca de 400 imóveis e 11 ruas no bairro de São José. Depois viu o Mercado de São José, com sucessivos restauros, perdendo algumas importantes características da vida cultural. Quase sem memória, o fazer cultural limitou-se ao Turismo?

O centro do Recife traz a cicatriz desse corte da vida cultural, é o caso da Av. Dantas Barreto, também no Bairro de São José. Sem realizar o devido escoamento de carros, ela tem o uso comprometido pelo comércio ambulante, e traduz o que foi perdido por sua inexpressível função perante a importância do patrimônio, e memória histórica da cidade, destruída para sua criação.

Quem se apropriou do que havia, não incorporou valores pré-existentes e crenças relacionadas, nem teve a devida consciência de uso do bem cultural coletivo, naquilo que se apropriou, destruindo mais rápido para possivelmente esconder intenções escusas. Agrava-se o desmonte cultural quando o poder público sugere mudanças, nos ritos de passagens, alterando códigos, enganando com elogios as

organizações populares, ofertando melhorias ilusórias, que nunca se completaram. E mudando o dono da cadeira, não se mantém velhos acordos, o que foi prometido pelo dono anterior é esquecido pelo que assumiu até sair ou cair, sobrepondo-se o interesse econômico ao bem coletivo cultural.

Clubes Pedestres continuidade do Frevo - A historiadora Carmem Lélis observou o fato da participação sucessiva dos clubes de pedestres (entre 1900 e 1950) no prosseguimento do Frevo, na rua. Os clubes colaboraram gerando espaço e significado estético, comunicando o Frevo como sistema (Música, Dança, Alegorias, Artesanato, além da organização para colocar na rua).

Os clubes pedestres agregaram ao Frevo o modo de celebrar a vida, típico e exclusivamente pernambucano. Deram a sua performance a assinatura etnográfica, originando daí um modo novo de cultura musical, um novo modo de fazer e saber fazer. Hoje, os Clubes e Troças estão com poucos espaços, já não é dada a participação das ruas tomadas pelo povo em excesso. Atualmente muitas Troças, e Clubes, preferem se apresentar em palcos fixos, e passarelas, com espaço reservado para suas evoluções.

Great Western of Brazil Company Limited (entre 1873 e 1953) foi um importante fator de comunicação. Sua memória foi quase que apagada, em sua importante contribuição para nossa cultura. A Great Western criou, e gerenciou, nossa gigantesca malha ferroviária. Passou a se fazer presente em quase todas as cidades. **Colaborou para o surgimento e intensificação da vida cultural de muitos locais por Pernambuco.** Permitiu integração entre as Filarmônicas, tornou possível a circulação delas pelo estado. Em algumas cidades existia a banda ferroviária local, como a Banda Ferroviária de Jaboatão.

Com o fim de suas atividades as Filarmônicas sentiram o primeiro impacto do progresso. Depois com o fim da RFFSA nos anos 1980, estava dada a mudança. O fim do trem também foi o fim de uma era para as Filarmônicas, que transportavam sua música pelos trilhos, entre municípios, levando dobrado, marcha e o Frevo para onde estava o povo.

O corte foi concluído nos anos 1970. Outro Brasil surgiu, adiantado e impávido, com prédios modernos, sem bangalôs e ruelas, sem a africanização nos grandes centros, numa onda de modernismo sofisticado onde as relações humanas passaram a coexistir numa selva de pedra. Sua jovem cultura, ainda em formação, levou golpes em sua arquitetura, folklore, e até no carnaval! No Recife o fechamento da Rozenblit (Fábrica de LPs, do Estúdio de Gravação e do selo Mocambo, 1954 - 1984), mais a perda de audiência das rádios AM para as redes nacionais FM, e a falência das TVs locais com ascensão de redes nacionais de TV, geraram a fuga de talentos.

Entre **1960 - 1970** a queda vertiginosa de empregos obrigou muitos profissionais a sair do Recife, para o Sudeste do país, em busca de uma vida melhor, muita gente não voltou, gerações foram afastadas de suas origens.

A perda de referência foi se agravando com a destruição do patrimônio arquitetônico, como no caso do bairro de São José. Sem a acústica de suas ruas, perfeita para o Frevo, ele perdeu representatividade cultural no centro, pois a vida que ali existia foi obrigada a se deslocar para outros bairros da cidade. A destruição arquitetônica de vários locais e pontos pela cidade também prejudicaram a apresentação dos Clubes Pedestres pelo centro do Recife e em bairros tradicionais para o Carnaval como Casa Amarela, Encruzilhada e Afogados. A falta desses espaços de apresentação, para os clubes pedestres, gerou quadro nefasto para o desdobramento do Frevo executado na rua para a evolução dos participantes dos Clubes Pedestres.

Muitas pessoas saíram de seus bairros de origem, perderam a ligação existente com a tradição nesses ambientes. Vão para grandes eventos em espaços públicos, sem conseguir vivenciar continuidade da expressão cultural que conheciam. Hoje muitos locais não comportam o modo como foi trabalhado o padrão do mercado do entretenimento, razão do esvaziamento de conteúdo e da exaustão cultural do carnaval substituído por programação alheia ao ciclo, no entanto, ligada a modelos comerciais.

Superando tudo, o Frevo foi consolidado nos anos 1960/1970. Passou por muitos aperfeiçoamentos. O Frevo estava moldado, pronto para ser estudado. Ao mesmo tempo era o fim de um grande ciclo musical-cultural, sendo rico em detalhes, mas culminou com marasmo criativo 1980/1990. Três circunstâncias chamam atenção na trajetória entre 1907 e 2007:

- 1ª)** O Frevo tem status de patrimônio cultural imaterial do estado, do país e da humanidade, chegou ao estágio de reconhecimento universal. Não é possível manipular o patrimônio por meio de inovação na memória.
- 2ª)** O material produzido pelo Iphan, e Casa do Carnaval, sobre a patrimonialização do Frevo, também colaborou em possibilidades de considerar observações de Valdemar de Oliveira, e Tinhorão, sobre a importância do Frevo como música etnográfica híbrida.
- 3ª)** Muitas dessas considerações históricas não foram usadas como referência. Teóricos falam do Frevo como uma cultura musical atrelada a outras expressões. Mas os instrumentistas falam do Frevo apenas como Música, desatrelada. Como aproximar os dois modelos de pensar?

Nos anos **1980 e 1990** os clubes de pedestres mantiveram a tradição, timidamente, quase que apenas no carnaval.